OS PAPIROS DE RAVENA

Waldir de Assis Júnior

CAPÍTULO I

"Andamos a passos de
tartarugas em
questões de letras.
Quase ninguém
aqui lê. Se lê, não
compreende".

Graciliano Ramos

Em suas aulas, o professor escritor ensinava a necessidade do registro das ideias, uma vez que, assim, resistem ao romper do tempo, da força das águas e do desgaste das críticas. A criatividade e a angústia caminhavam juntas em um quebrar de barreiras para a imaginação, similar a gênese da humanidade, criar, para ele, era uma missão, das mais difíceis, sendo ao mesmo tempo: entorpe e

sutil, pois necessitava da paz, que dificilmente tinha, e custava lograr. Mesmo que sua criação tivesse nascido de maneira tão singular, sofrida e principalmente misteriosa, pregava que o lançamento de seu primeiro livro fora ao mesmo tempo acompanhado de excitação e medo, sensação de cansaço e dever cumprido, no que poderia ser comparado ao um parto natural numa maternidade pública feito por um residente de obstetrícia vindo a cabo com todos os dramas que o acompanhavam. A aceitação da crítica foi imediata. De público idem.

De forma prolixa, explicava para seus atentos acadêmicos que o ódio que o consumira diariamente, o ajudou em seu processo de criação, era a mina de ouro das ideias fartas, não tinha ouro de tolo, mas o mais fino minério misturado com mercúrio, ganhando o peso que necessitava: o ouro e a criatividade, raros e preciosos, e em seu caso, duvidosos e carregado de culpa.

Para um observador atento a tudo isso, uma canalhice só, pois esses pormenores que ele ensinava, nenhum o pertencia, por ser uma tênia da criatividade literária alheia.

A fama de seu *Best-Seller* o proporcionou uma série de glórias e louros, uma delas, a vaga de professor titular em uma renomada universidade, abraçando a cadeira de literatura e consequentemente, das humanidades. Esse ódio que o consumia, canalizava no trato aos alunos, os humilhando, fazendo-os se sentirem um lixo perante outros professores universitários, expondo suas fraquezas e deficiências, frutos de um sistema de educação falho e inoperante.

A dificuldade dos universitários em estabelecer uma simples concatenação das ideias o irritava plenamente, fazendo-o protagonizar episódios de fúria gratuitos, shows propriamente ditos, em que a simples exposição da incapacidade funcional dos acadêmicos era protagonizada. Mas sua fama,

apesar da impopularidade com os alunos, não era abalada, pelo contrário, só crescia, e os convites para palestras, aulas expositivas, feiras, seminários e colóquios aumentavam consideravelmente, impulsionados pela repercussão que seu livro causava aos leitores.

Esse ódio que o movia era o mesmo que o aprisionava, fazendo nutrir sentimentos de encarceramento do corpo, mas dava liberdade à alma, que foi capaz de contribuir, de sobremaneira, em sua sublime criação, assim era a fórmula que o professor costumava descrever. Questionado sobre os vieses filosóficos de seu livro, sempre divagava informações de maneira verborrágica:

− Um neoplatônico com pitadas de parnasianismo oitocentista.

A comunidade se regozijava com a intelectualidade deste Dostoievsky tupiniquim. Pertencer ao círculo acadêmico intelectual, nem